
Estudos urbanos, processos de racialização e produção da diferença/ Urban studies, racialization processes and the production of difference

Vítor Queiroz, Stella Z. Paterniani e Inácio Dias de Andrade



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/14041>

DOI: 10.4000/pontourbe.14041

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Vítor Queiroz, Stella Z. Paterniani e Inácio Dias de Andrade, «Estudos urbanos, processos de racialização e produção da diferença/ Urban studies, racialization processes and the production of difference», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 14 fevereiro 2023, consultado o 14 fevereiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14041> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.14041>

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 fevereiro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Estudos urbanos, processos de racialização e produção da diferença/ Urban studies, racialization processes and the production of difference

Vítor Queiroz, Stella Z. Paterniani e Inácio Dias de Andrade

- 1 O reconhecimento da coexistência da heterogeneidade e da produção de espaços ou fronteiras como força motriz da cidade tem sido a marca dos estudos urbanos. Pelo menos desde a Escola de Chicago, a cidade, lócus do anonimato e do encontro entre estranhos que definiria o caráter de seus habitantes (Simmel, 1903 [2005]; Park, 1967), passando pela Escola de Manchester, quando as pesquisas do Instituto Rhodes-Livingstone trataram dos processos de mudança associados à urbanização das cidades coloniais e à etnicidade com metodologias inovadoras (Mitchell, 1969; Feldman-Bianco, 2010), até chegar aos estudos urbanos transnacionais (Hannerz, (1983); Agier, 2011), a cidade tem sido canonicamente percebida como um ambiente específico capaz de conglomerar diferenças por meio de sua base econômica ou da produção desigual de identidades. Ainda, pelo menos desde a publicação do *Reflexões sobre a questão judaica* (Sartre, [1946] 1995) e dos clássicos *Ethnic Groups and Boundaries* (Barth, 1969) e *Custom and Politics in Urban Africa* (Cohen, 1969), os estudos urbanos dispõem de arcabouço teórico para tratar a diferença de modo intrinsecamente relacional.
- 2 No entanto, temos observado dois problemas no cânone dos estudos urbanos. Primeiro, uma sistemática obliteração da crítica da definição e do tratamento dirigido a alguns estranhos – que torna alguns mais estranhos que outros. Segundo, uma costumeira reposição de elementos de maneira substancializada em detrimento do reconhecimento da relacionalidade. Destacamos substancializações de noções como identidade, cultura e raça, que ainda têm sido encaradas como elementos prévios à constituição das relações que as instauram. Assim, embora os estudos citadinos, em suas mais diferentes

frentes, sejam permeados pelas meta-narrativas da urbanização, da modernização, do desenvolvimento e de suas constantes crises, as contrapartes que definem tais ideias raramente são explicitadas.

- 3 No campo dos estudos sobre relações raciais realizados no Brasil, as pesquisas têm desempenhado um papel fundamental na crítica da urbanização excludente, e impactado a criação de agendas políticas específicas. Entretanto, há também uma tendência em repor duas conclusões: a constatação e denúncia do racismo nas cidades brasileiras, por um lado, e a valorização, mais ou menos substantivada, de elementos tais como samba, religiões afro-brasileiras, territórios negros, por outro. Está em jogo a discussão de possibilidades e obstáculos para a incorporação do que se convencionou chamar, histórica e teoricamente, de negro e de cultura negra dentro de um aparato sociojurídico constituído, de cidades racialmente segregadas ou de uma modernidade globalizada. Nesse sentido, o trabalho de Rafael Nascimento César neste dossiê ajuda a reembaralhar cartas marcadas há muito tempo, ao mostrar como, no movimento que ficaria conhecido posteriormente como Bossa Nova, nossas expectativas e nossa imaginação do que seria ‘negro’ e ‘branco’, nacional e transnacional, devem ser repensadas.
- 4 Compõem este dossiê os artigos de Marcos Ferreira, sobre a cidade de Mérida, no México, e de Anderson Kilpp Bernardo, sobre Porto Alegre, no Brasil, que subvertem o estado de coisas das meta-narrativas da urbanização, ao mostrar etnograficamente como, em tais cidades, as populações indígenas ou que participaram de suas fundações são deslocadas para uma posição espacial e simbólica marginal. Tais margens, aliás, se mantêm via processos muito concretos de marcações em corpos que ultrapassam noções fenotipicamente simples, em vestimentas, formas de usar a língua e, é claro, muros e estradas.
- 5 Além do artigo de Ferreira, o artigo de Lourival Aguiar Teixeira se debruça sobre cidades no exterior cujas formações também engendram desigualdades raciais. No texto, o autor destaca a segregação racial e a modulação do racismo na criação da categoria de território palestino, em uma sociedade socialista que dizia ter abolido todas as desigualdades sociais.
- 6 Este dossiê é composto por trabalhos que investigam como a produção de raça costuma coadunar-se com a produção do estranho. Interessa-nos aqui como tais produções se expressam sob o registro do epistemicídio (Carneiro, 2005) e na própria consolidação do cânone da disciplina antropológica, refém da branquidade enquanto obliteração de regimes de conhecimento (Paterniani, 2020) e exclusão de determinados autores, agentes, instituições e temáticas na produção intelectual sobre as mais diversas cidades ao redor do globo. Nesse sentido, a contribuição de Ana Carolina Batista de Almeida Farias faz um necessário movimento ao triangular estudos críticos da branquitude, estudos sobre juventude e interseccionalidade para fazer jus às relações sociais tecidas entre estudantes em uma escola paulista. Renata Monteiro Siqueira, por sua vez, investiga a categoria de território negro e os discursos sobre raça, cultura e cidade produzidos através dele em São Paulo nos anos 1980, destacando as aspirações e lutas heterogêneas da população negra da cidade que os essencialismos associados à noção de território negro, operacionalizado por instituições como a Universidade e o Museu, fizeram perder de vista. Com uma perspectiva semelhante de recusa a aprisionamentos conceituais, sobretudo o da precariedade, o artigo de Ana Larisse Santos Barbosa, Frank Andrew Davies e Guilherme Marcondes dos Santos, além de explicitar mecanismos de

manutenção das desigualdades que operam com base na noção de raça como princípio organizativo da cidade de Fortaleza, reconhece etnograficamente o conjunto Jardim União como bairro negro e quilombo urbano, engendrado em práticas de solidariedade.

- 7 Se entendermos a noção de raça a partir de uma alteridade não apriorística, ela deve ser analisada concomitantemente à própria produção da diferença e da desigualdade, em suas variadas escalas, contextos sociais e políticos e com resultados práticos. Assim, neste dossiê privilegiamos pesquisas que visam investigar processos sociais, agentes, movimentos sociais e diferentes instituições burocráticas, técnicas e científicas que definiram e conformaram categorias racializantes, que (re)produziram e (re)produzem sociologicamente os diversos grupos sociais urbanos. Dessa forma, nos artigos que compõem o dossiê, raça e cidade aparecem não como categorias conceituais apriorísticas, preexistentes às relações, mas são vistas como produto e dimensão produtora de relações urbanas e modernas. A partir dessa coletânea de textos procuramos problematizar narrativas sobre as cidades nas ciências sociais e aprofundar visões críticas da urbanização, sobretudo ao considerar relações raciais e produções de desigualdades raciais e categorias racializantes.
- 8 AGIER, M. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.
- 9 BARTH, F. 1969. *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. Bergen and Oslo: Universitetsforlaget, Londres.
- 10 CARNEIRO, S. 2005. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. (Tese de doutorado), São Paulo, USP.
- 11 COHEN, A. 1969. *Custom and Politics in Urban Africa*. Londres: Routledge.
- 12 FELDMAN-BIANCO, B. 2010. *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora Unesp.
- 13 HANNERZ, U. 1983. *Explorer la Ville. Elements d'Anthropologie Urbaine*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- 14 MITCHELL, J. C. 1969. *Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personal Relationships in Central African Towns*. Manchester: Manchester University Press.
- 15 PARK, R. 1967. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: G. Velho. *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar.
- 16 PATERNIANI, S. Z. 2020. (Re)pensando terra, corpo e tempo: algumas ferramentas analíticas anti-branquidade. *Revista Educação e Ciências Sociais*, v. 3, n. 5.
- 17 SARTRE, J.-P. [1946] 1995. *A questão judaica*. São Paulo: Ática, 1995.
- 18 SIMMEL, George. [1903] 2005. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v. 11, n. 2, pp. 577-591.

AUTORES

VÍTOR QUEIROZ

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<https://orcid.org/0000-0003-1735-4203>

STELLA Z. PATERNIANI

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Marília.

<https://orcid.org/0000-0003-0639-3186>

INÁCIO DIAS DE ANDRADE

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-0156-8672>